

**O PIOR
DIA DE
TODOS**

O PIOR

DIA DE

TODOS

DANIELA KOPSCH

TORDESILHAS

PARA MARIO BENTO E ADELAIDE

**ERA UMA DAQUELAS MANHÃS
QUE PARECEM SUSPENSAS NO AR.**

CLARICE LISPECTOR

PARTE I
INFÂNCIA

1

Dois dias depois do meu aniversário de 14 anos, um homem invadiu minha escola e matou 12 crianças. Foi tudo muito rápido. Eu sei que as histórias trágicas sempre começam assim: *Foi tudo muito rápido*. Mas não estou exagerando. Às 8 horas, começamos uma aula de Língua Portuguesa, e às 8h15, tudo estava terminado.

Não vi quando ele entrou na sala de aula. Eu estava de olhos fechados porque a luz da janela era insuportável, assim como o barulho da turma e o cheiro doce do desinfetante que passaram no chão antes de a gente entrar. Tentei manter minha cabeça imóvel. Ela doía e parecia a ponto de explodir a qualquer momento. Por isso, eu estava quieta, deitada sobre os braços e não vi como foi que tudo começou. Talvez ninguém tenha visto. Os primeiros minutos de aula são sempre tomados por uma agitação generalizada e eu também estaria ocupada conversando com Natália, mas não naquele dia. Naquele dia, nós não estávamos nos falando.

Natália e eu somos primas. Estudamos juntas desde o primeiro ano e vivemos na mesma casa desde que nascemos. Talvez eu pudesse dizer que somos irmãs. Ou quase isso. Com certeza absoluta, somos melhores amigas. Nós também dividimos o quarto, de maneira que acordamos juntas todos os dias, quando o despertador toca às 6 horas. Naquela quinta-feira, levantamos sem dizer uma palavra, vestimos o uniforme, tomamos o café da manhã, descemos a ladeira levemente curva da nossa rua, passamos em frente ao mercadinho,

que estava abrindo as portas naquele momento e, depois de mais ou menos 1 quilômetro, chegamos à escola.

Há quatro anos percorríamos aquele trajeto e eu poderia fazê-lo de olhos fechados. Sei onde desviar para não esbarrar no poste que fica bem no meio da calçada, sei que é necessário tomar cuidado para não levar uma bolada na cara quando passamos pelo terreno baldio, também chamado de terrenão (às vezes, os meninos miram nos pedestres de propósito, considere-se avisado), e também sei evitar a rachadura na calçada onde as pessoas sempre tropeçam. Passando tudo isso, você chega à escola em segurança. Ou pelo menos era o que pensávamos.

Esse é um caminho de apenas 15 minutos, mas, naquele dia, levamos quase o dobro. Caminhávamos em silêncio e muito devagar. Paramos várias vezes, e em todas esperei que Natália me falasse algo. Mais de uma vez, eu mesma abri a boca com essa intenção. Ficava parada na calçada, com uma frase se formando quase pronta para sair, mas logo a ideia escapulia, incompleta, e eu não dizia nada. Foi assim durante todo o percurso, até que chegamos atrasadas para a primeira aula.

Então, eu estava sentada ao lado da minha prima-talvez-irmã-com-certeza-melhor-amiga me perguntando quando é que aquele dia horrível ia terminar. Eu só precisava esperar, era o que eu pensava, e logo as coisas voltariam a ser como antes. Agora, sabemos que eu estava errada. Como todos, aliás, quando acham que sabem o que vai acontecer. Nada voltaria a ser como antes. Nunca. Minha turma estava na mira de um homem que queria atirar todo o seu passado sobre nós. Em breve, seríamos massacrados. Não gosto dessa palavra, mas foi como chamaram. O Massacre de Realengo.

Eu chamo de *O Pior Dia de Todos*.

2

Acabei de ler o que escrevi e acho que comecei errado. Antes de falar sobre O Pior Dia de Todos, quero falar sobre outros dias, quando Realengo era apenas o nome de um bairro e não de um massacre, e eu era uma menina comum e não uma sobrevivente. Minha história começa, como a de todo mundo, no dia em que nasci.

Minha tia conta que eu demorei três dias.

“Dois médicos tentaram tirar você lá de dentro”, ela disse.

Quando finalmente pôde me visitar no hospital, eu era um pacotinho trêmulo. Minha mãe dormia, inchada e toda roxa, mais parecia atingida por um ônibus. Quando olhou para ela, primeiro minha tia não a reconheceu, depois começou a chorar.

“Ela quase morreu de tanto fazer força.”

Acho que empaquei porque estava sem coragem de tentar sozinha, queria talvez esperar minha prima, que só chegaria três meses depois. Ao contrário de mim, Natália já veio ao mundo certa do que queria. A cesárea estava marcada para dali a duas semanas, mas, já que estava pronta, ela decidiu nascer e nasceu. A partir daquele momento, não nos desgrudamos mais.

Apesar de eu ser mais velha, foi ela quem falou primeiro. Contam que Natália aprendeu a falar nesta ordem: mamãe, papai, nenê e Laurinha. Laurinha sou eu, mas apenas ela me chama assim. Meu nome é Maria Laura, e para todo o resto do mundo sou Malu.

3

Minha mãe engravidou aos 16 e nunca contou de quem. Isso deve ter sido um golpe duro na família. Elas eram muito religiosas, frequentavam a Primeira Igreja Batista de Realengo. Ter um filho e não estar casada já seria um problema, mas engravidar e não ter um noivo, um namorado, ninguém, isso era um desastre. Minha mãe diz que manteve o segredo para não se sentir pressionada a casar, mas eu desconfio que a culpa foi dele, de quem quer que seja que não quis ser o meu pai. Quanto a minha avó, tudo o que ela disse foi:

“O que não tem remédio, remediado está.”

Trancou o sofrimento dentro do quarto e seguiu a vida. É assim que as mulheres fazem em nossa família. Meu avô, eu não conheci. Morreu afogado muitos anos antes de eu nascer. Era porteiro e poeta. Da sua obra, restou apenas um poema emoldurado no quarto:

Rosa, minha rosa, razão do meu viver.

Me perguntas se eu te amo e eu respondo:

tanto que nem sei dizer.

Rosa é minha avó. Sei que a rima é pobre, mas o poema é lindo. Através dele, posso descobrir o tipo de homem que meu avô era: romântico, letrado, caprichoso na caligrafia e metódico na forma de escrever reto sobre linhas invisíveis. Se eram felizes, isso é uma coisa que eu não tenho como saber só de olhar para esse poema, mas gosto de pensar que sim.

Como o poema sugere, meu avô adorava o nome Rosa. Queria colocar o mesmo nome na primeira filha, mas minha avó interveio. Podia até ser parecido, mas igual, não. Foi assim que minha tia se tornou Rosana e minha mãe, Roseli. A semelhança entre as duas, entretanto, termina aí. Minha tia é apenas um pouco mais velha, mas parece bem mais. É séria, responsável, um bloco de concreto. Já minha mãe passou a vida tentando provar que é o contrário, uma nuvem, talvez.

Quando a barriga inconfundível da minha mãe apareceu, os comentários começaram. Minha avó era bastante respeitada, de modo que as fofocas maldosas nunca chegaram aos seus ouvidos. E nem precisava. Ela sabia muito bem o que se dizia porque várias vezes ouviu o mesmo sobre outras meninas. As comparações com minha tia eram inevitáveis. Rosana já está noiva. Rosana vai casar. O moço é da igreja. Roseli tão novinha. Quem será o pai? Se não pode contar, boa coisa não é.

Tia Rosana se casou no dia do seu aniversário de 20 anos. A data estava planejada desde os 15, quando o namoro com tio Mário ficou firme. Na foto, minha tia está com um lindíssimo vestido de cetim, que ela mesma fez junto com minha avó. As mangas eram bufantes e lhe cobriam inteira, até os pulsos. Se sentia calor, não demonstrava. Era pleno verão e poderia muito bem estar fazendo 40 graus no Rio de Janeiro, mas, debaixo de todo aquele pano, tia Rosana estava serena e deslumbrante. Uma cascata de cachos bem pretos lhe caía pelos ombros e um buquê imenso pendia de suas mãos. Tio Mário formava o par ao seu lado, todo empertigado num terno branco. Ele é um pouco feio para um príncipe, mas parecia um mesmo assim.

Minha avó sorri, tímida, de braços dados com meu tio. Está com um vestido simples, estampado de florezinhas. Ela destoa da elegância dos outros, mas acho que minha avó era assim mesmo, pura como aquele vestido de algodão. Estava com o cabelo todo puxado num coque apertadíssimo, nenhum fio fora do lugar. E tenho certeza de que usava uma colônia vendida em farmácia que se chamava Alma de

Flores, porque este era o cheiro dela. Minha mãe encerra o quarteto da foto. Está linda, de tafetá verde, bem ao lado da minha tia, mas não lhe deu os braços. Apoiou as mãos na cintura e quebrou o quadril para a direita, numa pose que seria sensual, se não fosse a barriga, pontuda para a frente, comigo lá dentro. Aliás, pelos meus cálculos, devo dizer que minha mãe não era a única grávida da foto. Em janeiro, Natália já estava lá havia pelo menos três meses. Essa é, portanto, uma das poucas fotos em que minha família está completa.

4

Não sei quando minha mãe foi embora, mas aconteceu enquanto eu ainda era um bebê e não tinha idade para me lembrar. Minha avó já vinha cuidando de mim e o fazia tão bem que minha mãe resolveu que poderia sair e fazer outras coisas da vida. Ela já ficava pouco tempo em casa, disso eu sei. Minha tia toma cuidado para não falar na minha frente, mas sempre deixa escapar o que pensa da irmã. Certa vez, a ouvi dizer que minha mãe é alérgica a responsabilidades. Por muito tempo, essa ideia alimentou minha fantasia. Eu achava que entendia por que ela havia partido: algo naquela casa a deixava inchada e vermelha e cheia de bolinhas. Poderia sufocar até morrer se continuasse ali por mais tempo e por isso teve de ir embora. Era um caso de vida ou morte.

Minha avó na época já era uma mulher idosa. Tinha as costas, as pernas, os braços cansados. Minha mãe sabia disso. Mas os filhos sempre sabem o quanto podem consumir dos pais, e minha avó tinha muito para dar. Ela era uma mulher generosa, que a vida nunca pegou de surpresa. Lembro de sua pele escura, bem macia, cheirando a colônia de flores. Seu rosto era magro e enrugado. À noite, ela tirava da boca uma dentadura de dentes branquíssimos e gengivas cor-de-rosa e a guardava dentro de um copo com água, ao lado da cama. Quando fazia isso, seu rosto ficava ainda mais murcho.

“Por que você é tão feia?”, eu lhe perguntei certo dia.

“Não sei”, me respondeu com sua boca sem dentes. “Por que você é tão linda?”

5

O vestido de noiva de tia Rosana fez tanto sucesso que elas começaram a receber encomendas. A propaganda boca a boca é muito forte no bairro e logo havia clientes em nossa casa todos os dias. Algumas chegavam em carrões, outras de bicicleta, e todas saíam com seus vestidos novos, embalados em papel pardo com uma grande fita azul.

As duas trabalhavam juntas o dia inteiro, às vezes até tarde. Eu costumava dormir com Natália na cama da minha avó, ouvindo no quarto ao lado o som das máquinas de costura e das músicas e salmos da Melodia FM, uma rádio evangélica que nunca era desligada. No meio da noite, carregavam minha prima no colo para casa, e quando eu acordava era minha avó quem estava ao meu lado.

“Abre o olho, vó.”

Ela abria aqueles dois olhos de passarinho. Colocava a dentadura na boca e dizia:

“Bom dia, flor do dia.”

Morávamos em uma casa construída pelo meu avô. Inicialmente, tinha dois pisos. O térreo foi planejado para se tornar uma sala comercial onde funcionaria um dia a loja de modas da minha avó, mas a loja não foi construída porque meu avô morreu antes do tempo e deixou aquele espaço vazio. Tio Mário era servente de pedreiro e durante o noivado com tia Rosana começou a subir sozinho, tijolo a tijolo, o que seria a casa deles no terceiro andar. Tem gente que chama essas construções de puxadinho, mas era uma casa completa, com dois

quartos, cozinha, banheiro e uma laje com churrasqueira. Portanto, vivíamos em um pequeno prédio de três andares. Uma escada sem corrimão subia ao lado da garagem para o segundo andar, onde eu morava com minha avó, e depois continuava para o terceiro, onde morava Natália. Ela chegava com a mãe logo cedo, trazendo uma garrafa de café. Depois de comer, minha tia e minha avó começavam a trabalhar. Às vezes nos davam retalhos.

Nossa pequena confecção funcionava debaixo de uma mesa de corte, onde uma cortina nos separava do resto do mundo. Ali, vestíamos nossas bonecas amarrando nelas pequenas tiras de tecido. O resultado ficava bonito na frente e feio atrás e servia para que pudéssemos fingir que eram roupas e, olhando de frente, bonitas.

Minha avó vestia a boneca com uma roupa de verdade no Natal. Ela dava a esse trabalho grande importância. Preparava vestidos mais luxuosos e detalhados do que os modelos que fazia para as clientes. As clientes traziam revistas para minha avó copiar: atrizes de novelas em tapetes vermelhos, vestidos de gala recriados com tecido barato. Minha boneca, porém, ganhava uma criação exclusiva. Ela mesma inventava os modelos e depois dizia que era uma boneca nova. Eu gostava de fingir que acreditava.

Muito tempo depois, descobri que minha avó mandava boa parte do seu dinheiro para minha mãe. Sobrava pouco para nós. Intuíam que Natália tinha mais brinquedos do que eu e também tinha mais o que vestir. Isso ficou claro quando ela ganhou as sandálias prateadas. Nunca tinha visto nada igual: de plástico, cheias de *glitter*. Não se pareciam nem um pouco com o que costumávamos ganhar. Usávamos apenas chinelo para ficar em casa e sapatilha de pano para passear. O que eu tivera até então era apenas algo para colocar nos pés, eu nem sabia que os sapatos também podiam ser bonitos.